

## **PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE NAS VITIVINÍCOLAS DOS VALES DA UVA GOETHE**

**ANDRÉIA CITTADIN**  
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

**FABRÍCIA SILVA DA ROSA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

# PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE NAS VITIVINÍCOLAS DOS VALES DA UVA GOETHE

## Introdução

O vinho é uma das principais bebidas apreciadas nas refeições, uma vez que favorece convívio social, oportunizando a congregação de pessoas para o lazer e expansão cultural, principalmente da região em que o vinho é originário. Além disso, a vitivinicultura é uma atividade que contribui para o desenvolvimento econômico, demográfico e cultural de determinada localidade (AMARAL, 2000; LOPES, 2015). Nesse sentido, a indústria vitivinícola apresenta importância significativa no contexto cultural, pelas raízes e extensão geográfica, bem como na dimensão socioeconômica (CORREIA, 2015).

No âmbito nacional a atividade vitivinícola teve início em 1532 com os colonizadores portugueses, que plantaram as primeiras videiras, inicialmente no Estado de São Paulo (PROTAS; CAMARGO; MELLO, 2002). Atualmente, o país possui cinco regiões produtoras de vinho, a saber: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sul de Minas, São Roque (Estado de São Paulo) e Vale de São Francisco. Os vinhos de mesa, fabricados com uvas comuns ou americanas (Isabel e Bordô), representam a maior parte da produção do Brasil devido, principalmente, ao perfil da maioria do público consumidor, a ausência de cultura de consumo de vinhos e ao baixo poder aquisitivo (ACADEMIA DO VINHO, 2018).

O maior volume de fabricação de vinho encontra-se na região Sul do país, tendo em vista as condições climáticas mais favoráveis para a viticultura. No Estado de Santa Catarina a atividade vinícola concentra-se em duas sub-regiões, Planalto Catarinense e Vales da Uva Goethe (ACADEMIA DO VINHO, 2018). Os Vales da Uva Goethe abrange área entre as encostas da Serra Geral e o litoral sul catarinense, e compreende os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara. O município de Urussanga, colonizado em 1878 por imigrantes italianos que trouxeram as primeiras vinhas, concentra a maioria das vinícolas dessa região e tem destaque no mercado de vinho produzido por suas vinícolas e produtores artesanais, apresentando diversidade do produto e de marcas (PREFEITURA DE URUSSANGA, 2018).

Entre as variedades de uvas, principal matéria-prima do vinho, tem-se a uva Goethe, uma mistura de uvas americanas e europeias, que se adaptou as condições climáticas e do solo no sul de Santa Catarina (PROGOETHE, 2016). O cultivo da uva e a produção do vinho Goethe permaneceram na região de Urussanga, uma vez que os produtores mantêm vivo o saber fazer e a tipicidade da variedade desse tipo de uva. Decorrente dessa cultura e tradição, os produtores formaram no ano de 2005 a ProGoethe (Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga), com o objetivo de unir os produtores e missão de “promover e elevar a uva e o vinho Goethe da região de Urussanga ao status de um produto nobre – especial junto ao público consumidor” (PROGOETHE, 2016).

No ano de 2012 a ProGoethe obteve a concessão do registro IP (Indicação de Procedência), junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), tornando-se a primeira Indicação Geográfica de Santa Catarina. A concessão desse registro pode trazer alguns benefícios, como: agregar valor aos produtos e introduzi-los em novos mercados, internos e externos; incluir regiões e/ou produtores desfavorecidos; induzir a abertura e o fortalecimento de atividades e de serviços complementares, como as atividades turísticas, por exemplo, ampliando assim o número de beneficiários e outras atividades de produção ou serviço da região (VIEIRA et al., 2014).

Contudo, as vinícolas dessa região encontram algumas dificuldades, uma vez que são de pequeno porte e de origem familiar; a gestão é realizada principalmente pelo proprietário

que também está envolvido diretamente com o processo produtivo. Assim, o gerenciamento desses empreendimentos é frágil e rudimentar o que pode comprometer a sustentabilidade dessas vinícolas (FELIZBERTO; CITTADIN; PANDINI, 2017). Além disso, de modo geral, o principal produto comercializado pelas vinícolas dessa região é o vinho de mesa, que possui baixo valor agregado e o preço de venda estabelecido pelo mercado, fator que pode comprometer o resultado econômico dessas empresas (CUNHA et al., 2017; PANDINI et al. 2016).

Em que pese que o consumo de vinho apresente crescimento gradativo e indique probabilidade de aumento da produção (PROGOETHE, 2016), a substituição do consumo de vinhos de mesa, com baixo valor agregado, por vinhos finos, se depara com a forte competição com os vinhos chinelos e argentinos, que tem melhor relação entre qualidade e preço. Há, também, o preconceito em relação ao produto nacional; a pouca experiência dos produtores, que geralmente não tem referência para sua produção, logo produzem muitas variedades que rapidamente são transformadas em produto comercial. Nesse sentido, o desafio é buscar uma identidade para o vinho brasileiro e o desenvolvimento de barreiras para a entrada de vinhos importados baratos no mercado nacional (ACADEMIA DO VINHO, 2018).

Uma vez inseridas no contexto econômico e cultural da região, as vinícolas integrantes da ProGoethe necessitam profissionalizar seu processo de gestão para permanecer atuando no mercado de maneira sustentável. O termo sustentabilidade é norteado por três dimensões ou abordagens: a ambiental, que considera os aspectos relacionados aos recursos naturais e os impactos das ações das empresas sobre esses recursos; o econômico, que se refere ao desempenho econômico e financeiro da organização e o bem-estar social do indivíduo e da região onde está inserida; e o social, que visa à equidade de distribuição de renda e redução das desigualdades sociais (CALLADO, 2010).

Ademais a exigência da sociedade por produtos sustentáveis está aumentando. Em relação ao vinho nota-se interesse dos consumidores por produtos que tenham esse diferencial. Contudo, muitas vezes eles não estão dispostos a pagar um preço superior para produtos sustentáveis, principalmente pelas dificuldades de identificar essas características, assimetria informacional e pela falta de credibilidade das vinícolas na divulgação das práticas de sustentabilidade (MERLI; PREZIOSI; ACAMPORA, 2016).

Nesse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: Quais as práticas de sustentabilidade nas vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe? O objetivo geral dessa pesquisa consiste em investigar as práticas de sustentabilidade das vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe. Para tanto, tem-se os seguintes objetivos específicos: i) caracterizar as organizações e o processo de gestão; ii) identificar por meio de indicadores das dimensões ambiental, sociocultural e econômica a realização de práticas sustentáveis nesses empreendimentos; e iii) analisar se há semelhanças dos resultados entre as vitivinícolas dessa região.

Observando os estudos nacionais sobre a temática constatou-se que o enfoque maior concentra-se na sustentabilidade ambiental. Apenas Callado (2010) objetivou, em sua tese, apresentar um modelo de mensuração de sustentabilidade empresarial tridimensional aplicado em vinícolas localizadas na Serra Gaúcha. Em busca específica de trabalhos relacionados aos Vales da Uva Goethe foi encontrado a pesquisa de Réus, Zilli e Vieira (2016), que visou identificar práticas ambientalmente sustentáveis na produção de uma vinícola integrante dos Vales da Uva Goethe. Diante disso, a realização dessa pesquisa torna-se oportuna, tendo em vista a carência de estudos relacionados à sustentabilidade na produção de vinhos abrangendo as três dimensões: ambiental, econômica e social.

A mesma situação ocorre no âmbito internacional, sendo que os projetos, programas e demais iniciativas que visam o desenvolvimento sustentável na indústria do vinho são balizadas, sobretudo, na sustentabilidade ambiental, apesar do conceito sustentável ser norteado

pelos pilares: ambiental, econômico e social (MERLI; PREZIOSI; ACAMPORA, 2016). Esse fator evidencia a novidade do estudo e justifica sua relevância teórica.

Espera-se que além de agregar conhecimento à academia, o estudo possa contribuir com os produtores de vinho beneficiando-os no aprimoramento da gestão sustentável ao abarcar os aspectos econômico, ambiental e social, uma vez que a produção de vinho é uma das principais atividades econômicas do município de Urussanga. Acredita-se que a sociedade também se beneficiará com os resultados da pesquisa, pois com a manutenção da sustentabilidade dos empreendimentos, novos negócios poderão surgir, e assim, contribuir para o desenvolvimento econômico da região.

De acordo com Vellani e Ribeiro (2009), o conceito sustentabilidade empresarial contribui para os negócios se tornarem cada vez mais sustentáveis, pois a medida em que a empresa proporciona valor aos seus acionistas, também pode investir na educação, cultura, lazer e justiça social ao meio em que está inserida, ou seja, à comunidade em que se localiza contribuído para seu desenvolvimento. A importância econômica e cultural proveniente da produção do vinho reforça a importância de realização de estudos sobre as práticas e instrumentos de gestão ambiental adotadas pelas empresas vitivinícolas na busca de compreender e minimizar os impactos ambientais pertinentes a essa atividade (CORREIA, 2015; LOPES, 2015).

Este artigo está estruturado em cinco seções incluindo essa introdução. A segunda seção aborda conceitos sobre sustentabilidade empresarial e na produção de vinho. A terceira seção trata da metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa; a quarta traz a descrição e análise dos dados; e a quinta seção apresenta as considerações finais, limitações da pesquisa e sugestões para futuros estudos.

## **2 Sustentabilidade empresarial**

De acordo com Almeida (2002), ao longo da história vários eventos como o comércio fluvial, desmatamentos, vazamento de petróleo e acidentes ambiental fizeram com que fóruns mundiais centrassem suas discussões sobre a ideia de que a satisfação das necessidades presentes não podem causar precedentes que comprometam a capacidade da natureza de gerar recursos para futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades.

A inclusão da sustentabilidade na pauta das discussões nos fóruns mundiais se deu na década de 70 até meados de 1980, o tema era abordado como uma composição das dimensões econômicas, sociais e ambientais, que consistia em avaliar como os recursos naturais eram utilizados, transformados e distribuídos (SILVA, 2006). Ao se tratar de sustentabilidade é importante também levar em consideração a dimensão espacial e cultural, pois tornam o processo de desenvolvimento sustentável mais rico e diversificado, resultante da interação social em determinado espaço, com bases culturais no decorrer do tempo, com finalidades econômicas, obedecendo às instituições reconhecidas e considerando a manutenção do estoque ambiental existente (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2009; SILVA, 2006).

O termo sustentabilidade foi cunhado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Esse evento foi realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1972 em Estocolmo na Suécia, que caracterizou a sustentabilidade como um sistema ou um processo, que existe por um tempo determinado ou indeterminado (PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011).

A discussão dessa temática é recorrente nas esferas acadêmica e social, tendo em vista a crescente consciência da sociedade sobre as questões e problemas socioambientais, bem como com a preocupação do uso indiscriminado dos recursos naturais, geração de resíduos, melhoria da qualidade de vida e sobrevivência das gerações futuras (BRITTO, 2016).

Com a publicação do relatório denominado como *Our Common Future* (Nosso Futuro em Comum), a sustentabilidade não é tratada apenas no aspecto ambiental, mas também propõe a criação de sistemas e políticas públicas e privadas que almejem o equilíbrio social e econômico. Com base nesse cenário foi desenvolvido o conceito da *Triple Bottom Line* (Tripé da Sustentabilidade) elaborado pelo inglês *John Elkington*, com o princípio de três vértices: a sustentabilidade ambiental, que consiste na gestão dos sistemas e organizações, não visando apenas o lucro; a econômica classificada como honesta e realizável, que prioriza a distribuição de renda; e social, que tem como objetivo respeitar em todas as atitudes a dignidade humana (PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011).

Barbieri e Cajazeira (2009) ao se referir à sustentabilidade empresarial também destacam as dimensões econômica, social e ambiental. A sustentabilidade econômica no ver de Lins (2012) se trata de atitudes econômicas, financeiras e administrativas que buscam o crescimento econômico das instituições cuidando do meio ambiente e da manutenção dos recursos naturais.

A sustentabilidade social parte do pressuposto de que a extração de recursos da natureza de forma excessiva e/ou as ações que de alguma forma danificam o ambiente devem ser amenizadas e compensadas por meio de um conjunto de ações reversivas e que melhoram a qualidade de vida da sociedade e incitam ao equilíbrio social (SANTOS, 2013).

A sustentabilidade ambiental consiste na conservação do ambiente natural indispensável à vida humana e que garante condições favoráveis para o desenvolvimento de diversas formas de vida. Deve considerar que os recursos, mares, rios, entre outros, passam por um processo normal de manutenção quando há preocupação por parte dos agentes econômicos em zelar pela qualidade de vida das futuras gerações (BATISTA, 2013).

Para a OIV (Organização Internacional da Videira e do Vinho, 2011 apud MERLI; PREZIOSI; ACAMPORA, 2016) define-se vitivinicultura sustentável aquela que contempla em sua estratégia sistemas de produção que incorporem sustentabilidade econômica, produtos de qualidade, riscos com o meio ambiente, segurança dos produtos, saúde dos consumidores, além da valorização do patrimônio, da história e cultura.

No que se refere à sustentabilidade ambiental, geralmente a indústria do vinho é considerada ambientalmente correta, porém vinculadas a essa atividade há adversidades ambientais (CALLADO, 2010). A produção do vinho está associada a vários problemas ambientais no ciclo de vida do vinho, tais como: a rápida expansão do cultivo de matérias-primas e produção em muitas regiões destruindo os habitats, a biodiversidade, poluindo e contaminando o meio ambiente; nível excessivo de agrotóxicos utilizados; geração excessiva de resíduos e falta de reutilização destes; consumo de grande quantidade de energia e deliberação excessiva de gases com efeito estufa à atmosfera; o uso excessivo de recursos hídricos, entre outros (CHOLETTE; VENKAT, 2009; CHRIST; BURRITT, 2013).

Com a finalidade de verificar o comportamento das vitivinícolas em relação às questões de sustentabilidade foram encontrados 4 trabalhos alinhados ao tema no contexto nacional e 3 no âmbito internacional, mediante o emprego das palavras-chave: vinho, vinícola e vitivinícola. O Quadro 1 apresenta esses resultados.

Quadro 1: Estudos alinhados ao tema.

<b>Autores/Ano de publicação</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Resultados</b>
Callado (2010)	Desenvolver e testar um modelo de mensuração de sustentabilidade, nas dimensões ambiental, social e econômica, em cinco vinícolas localizadas na Serra Gaúcha.	Três dessas vinícolas apresentaram resultado razoável em relação à sustentabilidade empresarial; uma apresentou nível insatisfatório na dimensão econômica e a outra na social.

Rauta, Fagundes e Sehnem (2014)	Entender o processo de produção biodinâmica e sua contribuição para a sustentabilidade do empreendimento e do ambiente em uma vinícola catarinense.	A vinícola obteve posição no mercado mediante um produto diferenciado e de alto valor agregado. Na questão social um aspecto relevante a ser considerado pode ser a qualidade de vida gerada pela biodinâmica desde o processo (cultivo) até o próprio alimento (livre de agrotóxicos).
Borges, Dutra e Scherer (2014)	Identificar e analisar respostas estratégicas de três vinícolas da região central do Rio Grande do Sul frente às pressões do ambiente institucional relativas ao gerenciamento de práticas ambientalmente corretas.	As vinícolas investigadas cumprem as pressões ambientais das instituições reguladoras e culturais. Apesar de não possuírem interesse em obter a certificação ISO 14.001:2004 as vinícolas indicaram preocupação com a conservação do meio ambiente.
Correia (2015)	Avaliar os instrumentos e práticas de gestão ambiental de 98 vitivinícolas associadas a Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal- Portugal.	As vinícolas se preocupam e reconhecem os principais impactos ambientais causados pelas suas atividades e buscam implementar várias medidas, sobretudo, na fase agrícola mediante redução do uso de fertilizantes e aumento da prática de produção agregada do vinho.
Lopes (2015)	Avaliar o desempenho ambiental de uma vinícola de acordo com conformidades legais e delinear estratégias e ações no intuito de melhor seu desempenho por meio da proposta de um sistema de gestão ambiental.	Alguns aspectos ambientais analisados não são adequadamente controlados, além de não existir dados completos e atualizados referentes a consumos de todos os resíduos produzidos e da correta gestão dos resíduos orgânicos.
Britto (2016)	Analisar a relação existente entre a estratégia de produção e comercialização de vinhos e sucos orgânicos que são adotadas pela Cooperativa Vinícola Garibaldi Ltda. e o modelo da estratégia de Criação de Valor Compartilhado.	A adoção da estratégia de comercialização de produtos orgânicos a Cooperativa passou a criar valor econômico e gerar valor social e ambiental para o cluster vitivinícola da Serra Gaúcha.
Merli, Preziosi e Acampora (2018)	Compreender como o setor vitivinícola aborda as questões de sustentabilidade e como as práticas sustentáveis são implementadas com base nos conjuntos de indicadores propostos por três programas italianos voltados à sustentabilidade no setor.	Cada programa apresenta pontos fortes e fracos e que a integração destes poderia representar uma oportunidade para melhorar a sustentabilidade das vinícolas, uma vez que esses indicadores são instrumentos poderosos para divulgação de informações de sustentabilidade entre produtor e consumidor.

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Nota-se que a indústria do vinho tem a oportunidade de se posicionar estrategicamente, tendo em vista que o mercado está cada vez mais orientado para a sustentabilidade e os consumidores mais conscientes para a aquisição de produtos sustentáveis (CHRIST; BURRITT, 2013). De acordo com Lopes (2015) as preocupações de carácter ambiental e o desenvolvimento sustentável do setor vinícola são fundamentais para o desenvolvimento de vantagens competitivas.

Na dimensão social os benefícios estão atrelados à saúde e bem-estar dos funcionários das vinícolas e seu entorno; melhoria do relacionamento com consumidores, instituições reguladoras e governamentais (WINE INSTITUTE, 2010 apud CALLADO, 2010). A sustentabilidade econômica está associada à viabilidade da terra e do negócio em um período

de longo prazo, redução de custos, melhoria da qualidade do vinho, obtenção de certificação e ingresso no mercado internacional (WINE INSTITUTE, 2010 apud CALLADO, 2010).

### **3 Metodologia**

O estudo caracteriza-se como descritivo, tendo em vista que propõe observar os fatos, analisa-los e interpretá-los, sem que haja a interferência do pesquisador (ANDRADE, 2007). A abordagem é qualitativa, pois facilita a descrição da complexidade de uma hipótese ou problema, a análise da interação de variáveis e a compreensão e classificação dos processos dinâmicos (OLIVEIRA, 1999).

Como procedimento foi empregada pesquisa de levantamento, que se caracteriza pela abordagem direta do público que se pretende conhecer, delimitando-se uma amostragem considerável da população estudada e interrogando-a acerca do tema e objetivos, elencados na pesquisa (GIL, 1996). Para coleta de dados fez-se uso de entrevista, caracterizada como a técnica em que o pesquisador apresenta-se pessoalmente à população estabelecida para obter as informações necessárias à pesquisa (COLAUTO; BEUREN, 2006).

A população refere-se às vinícolas integrantes da ProGoethe, sendo que das 5 (cinco) organizações associadas 2 (duas) atuam unicamente no ramo vinícola e 3 (três) são vitivinícolas, as quais fizeram parte da amostra dessa pesquisa.

Para coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas aplicadas como um dos gestores nas 3 (três) vitivinícolas associadas à ProGoethe. As entrevistas foram agendadas por e-mail e contato telefônico e realizadas *in loco*, no período de fevereiro e abril de 2018. O formulário da entrevista foi dividido em 4 seções que tratavam da caracterização das vitivinícolas e das práticas de sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica. Para cada item foi apresentada uma escala de respostas de 1 a 5, que considerou o número 1 como “não ocorre essa prática”; 2 “quase não ocorre”; 3 “ocorre pouco”; 4 “ocorre”; e 5 “ocorre muito”. Os entrevistados tiveram a oportunidade de fazer suas considerações, as quais foram anotadas, transcritas e os resultados retornaram aos entrevistados, por e-mail, a fim de autorizar sua publicação.

Destaca-se que os itens contemplados no formulário de pesquisa foram adaptados dos estudos de Callado (2010) e Rauta, Fagundes e Sehnem (2014). Ademais, a fim de preservar o sigilo das informações e resguardar a integridades das vitivinícolas investigadas, estas foram denominadas nesse estudo como Alfa, Beta e Gama.

### **4 Descrição e análise dos dados**

Nessa seção apresentam-se os resultados da pesquisa, subdivididos em: caracterização das organizações e do processo de gestão; e análise da sustentabilidade nas dimensões: ambiental, sociocultural e econômica.

#### **4.1 Caracterização das organizações e do processo de gestão**

As três vitivinícolas investigadas apresentam características semelhantes em relação à estrutura organizacional e ao processo de gestão, sobretudo, no que se refere ao tamanho, de pequeno porte, e a gestão dos negócios que é realizada por membros da família. Todas possuem quadro de colaboradores composto por 4 funcionários e 2 gestores.

De modo geral, a produção de uva dessas organizações não é suficiente para a fabricação de vinhos, as quais precisam adquirir uva das serras gaúcha e catarinense. A empresa Alfa possui 2 hectares destinados ao plantio de uva, que atende 30% da sua produção; a Beta tem 4

hectares para plantação de uva, que corresponde a 10% de sua necessidade, porém a partir de 2018 não efetuará mais o plantio de uva; a Gama apresenta exceção nesse quesito, pois tem 12 hectares destinados ao plantio da uva que atende 85% da sua produção de vinho.

As três localizam-se no município de Urussanga, que foi colonizado em 1878 por imigrantes italianos e mantém várias atividades no intuito de preservar a cultura e tradição por meio de artesanatos, danças, canções, museus e a produção de vinho.

A vitivinícola Alfa foi fundada na década de 1970 no intuito de seguir a tradição de família e, assim, ocupar espaço na região no ramo da vitivinicultura. Apresenta produção de aproximadamente de 30 mil litros de vinho ao ano. Atua no mercado interno com diversas linhas de vinho: vinho de mesa (colonial), seco e demi sec, espumante e frisante. Seus clientes são: pessoas físicas, supermercados e restaurantes.

A Beta, fundada em 1960, foi registrada oficialmente somente em 2002, apresenta produção e venda de 200 mil litros de vinho, 50 mil litros de suco e 3 mil litros de espumantes. Atua somente na região sul de Santa Catarina, vendendo principalmente para mercados, minimercados, restaurantes e, muito pouco, para consumidor final.

A Gama foi fundada em 1975 e fabrica vinhos suaves, vinhos envelhecidos, espumantes e frisanes. Apresenta participação no mercado nacional com foco nas vendas para pessoas físicas.

As vitivinícolas apresentam perfil de gestores com forte ligação familiar, sendo que os entrevistados são da 2ª geração na vitivinícola Alfa, com 46 anos; e de 3ª geração na Beta e Gama, com 26 e 34 anos, respectivamente. Quanto à formação, constatou-se que todos possuem formação superior, nas áreas de administração de empresas e engenharia de produção. O gestor da empresa Alfa tem especialização na área de gestão e o da Gama possui três especializações em administração, marketing e enologia. Todos são do gênero masculino, com tempo de atuação desde 2009 para as vitivinícolas Alfa e Beta e desde 2007 para o gestor da Gama.

Foi possível perceber que apesar de mostrarem características muito semelhantes em relação à estrutura e processo de gestão, as vitivinícolas apresentam estratégias de atuação no mercado diferenciadas. A Alfa alia as vendas e produção de vinho com o turismo e promoção de eventos; a Beta tem enfoque na produção de vinhos de mesa de baixo preço e suco de uva; e a Gama atua também no mercado de vinhos finos com maior valor agregado.

## **4.2 Análise das práticas de sustentabilidade**

Para analisar as práticas de sustentabilidade das empresas investigadas fez-se a divisão das dimensões ambiental, sociocultural e econômica conforme exposto na sequência.

### **4.2.1 Dimensão ambiental**

Na dimensão ambiental foram analisados 16 itens relacionados ao uso de agrotóxicos e fertilizantes; compostagem; adubação verde; licença de funcionamento e operação; tratamento das casas da uva, do bagaço e da bora do vinho; tratamento de efluentes; reutilização de garrafas e vasilhames; uso de protocolos de higiene; reutilização da água; captação da água da chuva; coleta seletiva; desenvolvimento de tecnologias equilibradas; multas e infrações ambientais; sistema de gestão ambiental; educação ambiental; e certificações ambientais. O Quadro 2 apresenta os resultados.

**Quadro 2: Práticas de sustentabilidade na dimensão ambiental**

Itens/Escala	Alfa					Beta					Gama				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Uso de agrotóxicos e fertilizantes			x					x					x		
2. Realiza compostagem			x			x						x			
3. Adubação verde (plantio de leguminosas)				x		x									x
4. Licença de funcionamento/operação					x					x					x
5. Tratamento das cascas da uva, do bagaço, bora do vinho					x			x					x		
6. Tratamento de efluentes (água)	x								x		x				
7. Reutilização de garrafas/Vasilhames		x							x		x				
8. Uso de protocolos para higiene				x						x	x				
9. Reutilização da água	x					x					x				
10. Captação da água da chuva	x					x					x				
11. Coleta seletiva				x				x							x
12. Desenvolvimento de tecnologias equilibradas	x					x					x				
13. Multas/infrações ambientais	x					x					x				
14. Sistema de Gestão Ambiental	x					x					x				
15. Educação ambiental formalizada	x					x					x				
16. Certificações ambientais	x					x					x				

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Os resultados apontam que no item uso de agrotóxicos e fertilizantes todos os respondentes indicaram que utilizam a quantidade mínima possível e se necessário aplicam o que é recomendado pelo engenheiro agrônomo responsável.

Quanto à realização de compostagem e adubação verde a vitivinícola Beta não realiza, tendo em vista que a plantação de uva é pouco significativa, logo prefere comprar adubo pronto e utiliza os resíduos para alimentação de gado. As outras duas empresas praticam pouco a compostagem, sobretudo, com o uso dos resíduos do vinho e da casca da uva. Porém, a adubação verde, que consiste no plantio de leguminosas para enriquecimento do solo, foi apontada como ocorre na Alfa e ocorre muito na Gama.

Todos os respondentes indicaram que possuem tratamento para casca e bagaço da uva e bora do vinho, sendo que na vitivinícola Alfa isso ocorre com maior intensidade transformando esses resíduos em *Grappa*, bebida alcoólica de origem italiana feita a partir do bagaço da uva, e como adubo. Na Beta esses resíduos são utilizados para alimentação do gado e existe um projeto para reaproveitamento do bagaço da uva na produção de doces, contudo é preciso efetuar estudo do mercado para verificar a viabilidade desse novo negócio.

As três empresas possuem licença de funcionamento, tais como alvará, registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), licenciamento ambiental emitido pela FATMA, órgão ambiental estadual de Santa Catarina.

Quanto ao tratamento de efluentes, o gestor da vitivinícola Alfa não soube responder essa questão; na Beta há um sistema de tratamento desenvolvido com bambu; e na Gama, como está localizada na área central da cidade, utiliza o sistema de tratamento da SAMAE (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto).

Para a vitivinícola Alfa quase não ocorre a reutilização de garrafas; enquanto que na Beta ocorre a reutilização. Nas duas empresas os gestores responderam que são utilizados

produtos de higienização específicos para a indústria alimentícia. O gestor da Gama informou que a empresa opta em adquirir essas embalagens esterilizadas.

Constatou-se que nenhuma dessas vitivinícolas reutiliza água ou realiza a captação da água da chuva. Os respondentes indicaram que o consumo de água é pequeno em torno de 40 a 60 m<sup>3</sup> por mês, em média, com elevação nos meses de fevereiro e março quando ocorre o processo de vinificação. Essa constatação vai ao encontro do estudo de Lopes (2015) que registrou que o período de maior consumo de água ocorre na época das vindimas. Observou-se que na Alfa a água utilizada é de fonte própria e para o respondente da vitivinícola Gama a empresa tem a intenção de realizar investimento para captação da água da chuva e energia solar, contudo atualmente o benefício econômico que será obtido com essa tecnologia não justifica o custo para sua implantação.

Todos os gestores indicaram que a coleta seletiva é realizada, sobretudo na vitivinícola Gama, que contrata empresa terceirizada para realizar o recolhimento. Ademais, o respondente dessa empresa afirmou que não há sistema de educação ambiental formalizado, mas faz parte da cultura instruir os funcionários para essas práticas, por exemplo, a coleta seletiva.

Nos itens Desenvolvimento de Tecnologias Equilibradas; Sistema de Gestão Ambiental, Educação Ambiental Formalizada e Certificações Ambientais, verificou-se que não ocorrem essas práticas. Do mesmo modo nenhuma das empresas apresentam multas ou infrações de ambientais.

Com a realização das entrevistas foi possível perceber que os gestores que apresentam perfil mais jovem, os quais fazem parte da 3<sup>a</sup> geração familiar, mostraram maior conscientização em relação às práticas de sustentabilidade de cunho ambiental, principalmente no que remete ao desenvolvimento de tecnologias equilibradas. O gestor da vitivinícola Beta mostrou que a empresa está tentando reduzir o consumo de água no processo de higienização das garrafas. Na Gama há a intenção de desenvolver sistema para captação da água da chuva e iluminação solar.

Ademais, com base nesses dados foi possível inferir que as práticas de sustentabilidade na dimensão ambiental atendem as exigências legais e normativas. Esses resultados vão ao encontro dos achados de Borges, Dutra e Scherer (2014), uma vez que nas vinícolas investigadas as normas prescritivas na Lei n.º 9.605/1998 e as práticas estabelecidas pelos órgãos fiscalizadores são cumpridas. Tais vinícolas indicaram preocupação com a conservação do meio ambiente, mesmo não apresentando interesse em obter a certificação ISO 14.001.

Para Lopes (2015), a adoção de boas práticas ambientais perpassa ao cumprimento dos critérios legais e pode promover a implementação de instrumentos de controle ambientais, como por exemplos, ecologia industrial, ecoeficiência, ecodesign e análise do ciclo de vida dos produtos. Nesse sentido, o estudo de Britto (2016) revelou algumas evidências de sustentabilidade na gestão da Cooperativa Vinícola Garibaldi após a adoção da estratégia de produção e comercialização de uva e vinhos orgânicos. Podem ser citados: as ações voltadas à racionalidade do uso da água, investimentos para tratamento dos efluentes, reciclagem de materiais, troca da queima de óleo por gás natural e opção pelo mercado livre de energia elétrica. Além disso, os resíduos da uva que anteriormente eram destinados à incorporação do solo, que poderiam ocasionar problemas quando colocados em locais inapropriados como perto de nascentes e arroios, passaram a ser negociados com empresas que os reciclam transformando-os em ração animal.

Nota-se que para ser uma vitivinicultura sustentável de fato é preciso ir além dos cumprimentos dos critérios exigidos por lei e incorporar as estratégias de sustentabilidade aos objetivos organizacionais.

#### 4.2.2 Dimensão sociocultural

Na esfera sociocultural foram observados aspectos relacionados à geração de trabalho e renda, tais como: auxílio à educação e treinamento aos funcionários; padrão de segurança no trabalho; política de contratação de mão de obra local; políticas de contratação de mulheres, idosos e portadores de necessidades especiais; políticas de distribuição de lucros; ações com vistas ao desenvolvimento da comunidade local; incentivo as atividades culturais; e incentivo a venda de produtos e serviços produzidos pela região, que totalizaram 8 itens.

No Quadro 3 são expostos esses resultados.

**Quadro 3: Práticas de sustentabilidade na dimensão sociocultural**

Itens/Escala	Alfa					Beta					Gama				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Auxílio em educação e treinamento	x					x					x				
2. Padrão de segurança no trabalho				x					x						x
3. Existe uma política de contratação para mão de obra local?					x					x					x
4. Existe uma política de contratação de mulheres, idosos e portadores de necessidades especiais?	x					x					x				
5. Possui ações que visam o desenvolvimento da comunidade local?					x		x								x
6. Políticas de distribuição de lucros	x					x					x				
7. Incentiva atividades culturais?					x			x							x
8. Incentiva a venda de produtos e serviços produzidos/oferecidos da região?						x	x					x			

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Com as entrevistas foi possível perceber que as três vitivinícolas empregam trabalhadores da região. Contudo, não há política para contratação de mulheres, idosos, portadores de necessidades especiais. Também não há auxílio para educação dos funcionários e os treinamentos realizados são voltados principalmente para capacitação na produção do vinho, conforme ressaltou o gestor da empresa Gama. Também não ocorre distribuição de lucros nessas empresas.

No item padrão de segurança no trabalho os entrevistados apontaram que ocorre e ocorre muito. Na vitivinícola Beta os colaboradores são uniformizados, utilizam os materiais de proteção e segurança indicados pelo Ministério do Trabalho, como luvas e óculos. O gestor da Gama ressaltou que possui laudo emitido por empresa especializada em segurança do trabalho que aponta que não há necessidade de uso desses equipamentos na atividade vitivinícola, porém a empresa fornece aos seus funcionários.

Quando questionados se essas organizações possuem ações que visam o desenvolvimento da comunidade local e se incentivam atividades culturais, os respondentes da Alfa e Gama indicaram que essas ações ocorrem muito, devido a participação na ProGoethe. Destaca-se que os associados à ProGoethe têm participação ativa nos eventos do município e da região que envolvem o vinho e a cultura italiana, tais como: Vindima, Festa do Vinho, Feira AgroPonte – Agronegócio e Agricultura Familiar e festas das comunidades locais. O gestor da Beta entende que essas práticas ocorre as vezes e ocorre pouco, quando desvincula essa análise aos eventos que a ProGoethe participa.

Além disso, constatou-se que a Alfa promove cursos de mosaico, exposição de artistas locais e vende produtos e serviços produzidos na região, como por exemplo, licor, cerâmica, mel, geleia, uma vez que possui vínculo com a atividade de turismo. O gestor da entidade Gama

sinalizou que a vitivinícola está passando por reforma no intuito de atender as demandas do turismo e há planejamento para construir uma sala específica para venda de artesanato local.

Esses resultados indicam que as práticas de sustentabilidade na dimensão sociocultural também atendem as exigências legais e normativas. No entanto, percebe-se que a associação dessas vitivinícolas à Progoethe fortalece muito às práticas de cunho sociocultural e a contribuição dessas organizações no desenvolvimento da região. Essas constatações corroboram com o estudo de Vieira et al (2016), no qual os autores concluíram que a institucionalização das IG traz vantagens competitivas e ao desenvolvimento socioeconômico regional, oportunidades de organização da cadeia produtiva, aprofundar e compartilhar conhecimentos, estabelecer critérios técnicos de produção, melhoria da qualidade dos produtos e, promover o desenvolvimento social, cultural e econômico regional.

Rauta, Fagundes e Sehnem (2014) perceberam pelo estudo realizado que processo de produção biodinâmica refletiu no aspecto social, sobretudo, em relação à melhoria da qualidade de vida, considerando desde o cultivo até o fornecimento do alimento livre de agrotóxicos. Do mesmo modo, Britto (2016) constatou pelas entrevistas com os gestores da Cooperativa Vinícola Garibaldi, que apesar da pequena participação dos produtos orgânicos no faturamento da empresa os ganhos econômicos e sociais refletiram no bem-estar dos cooperados nas questões de saúde, entendidas como qualidade de vida, e venda dos produtos por um preço mais alto, tendo em vista que a cooperativa paga mais caro ao produtor pela uva orgânica.

#### 4.2.3 Dimensão econômica

Nessa dimensão foram considerados 6 itens, a saber: poder de negociação em relação ao preço da uva; investimentos em tecnologias limpas; investimento ambiental; investimento cultural; participação no mercado; e selo de qualidade. Os resultados são apresentados no Quadro 4.

**Quadro 4: Práticas de sustentabilidade na dimensão econômica**

Itens/Escala	Alfa					Beta					Gama				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Poder de negociação em relação ao preço da uva e embalagens	x						x				x				
2. Investimentos em tecnologias limpas	x					x					x				
3. Realiza algum tipo de investimento ambiental?	x					x					x				
4. Realiza algum tipo de investimento cultural?			x					x					x		
5. Participação no mercado		x					x					x			
6. Selos de qualidade					x	x									x

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A participação no mercado dessas organizações é pequena, as quais atuam somente no mercado interno. A Alfa possui participação regional, suas vendas focalizam principalmente pessoas físicas que praticam o enoturismo, atendem as pessoas jurídicas com venda de brindes personalizados de final de ano e representam pequena participação em restaurantes e supermercados da região. A Beta atende a região sul de Santa Catarina, de Florianópolis a Araranguá, e direciona suas vendas para mercados, minimercados e restaurantes, sobretudo, para venda de sucos, por meio de representantes e distribuidores, atendendo pouco as pessoas físicas diretamente. As vendas da Gama enfocam as pessoas físicas, com participação nacional, sendo de aproximadamente 70% em Santa Catarina e 30% eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que as vitivinícolas associadas à ProGoethe não possuem poder de negociação em relação ao preço da uva e das garrafas. O respondente da vitivinícola Gama informou que no Brasil existem apenas duas fábricas de embalagens (garrafas) e devido ao pequeno porte da vinícola em relação às empresas e cooperativas produtoras de vinhos localizadas no Estado do Rio Grande do Sul estas não apresentam poder de negociação. Do mesmo modo, essa situação foi explanada pelo gestor da Beta em relação ao fornecimento da uva.

Quando questionados se há interesse em união, por meio de cooperativa, para efetuar a compra dessa matéria-prima e embalagens, o gestor da empresa Alfa informou que mesmo considerando todos os produtores de vinhos da região a quantidade adquirida de uva não é suficiente para conseguir melhores preços. O respondente da Gama sinalizou que já ocorreu tentativa para aquisição de embalagens. Contudo, em virtude da falta de capital de giro dessas empresas, muitos produtores optam em comprar apenas o necessário enfraquecendo o processo. O gestor da vitivinícola Gama também apontou dificuldades em unir os produtores de vinhos da região para fortalecimento do processo de compras.

Foi constatado que devido às dificuldades econômicas encontradas pelas três empresas nos últimos não ocorrem investimentos em tecnologias limpas e nas questões de caráter ambiental. O respondente da Gama relatou que a organização realizou investimentos elevados no intuito de modernizar o processo produtivo e ainda não consegue atuar de maneira ambiental conforme gostaria, porém cumpre os requisitos exigidos por lei.

Em relação ao selo de qualidade, o respondente da Beta indicou que não há. Contudo, tanto o gestor da Alfa como da Gama entendem o selo de Indicação de Procedência (IP) resguarda certo padrão de qualidade aos vinhos produzidos nos vales da Uva Goethe. Para Vieira e Pellin (2015), a indicação geográfica possibilita o desenvolvimento territorial a medida que aproveita o conjunto natural da região, o patrimônio histórico, o saber fazer, a colocação dos produtos em mercados dinâmicos, as habilidades artísticas, culinárias e a tradição folclórica de uma determinada população, com a finalidade de melhoria da qualidade de vida.

Acredita-se que a oferta de produtos desenvolvidos com tecnologias inovadoras, que possuem certificação de qualidade, selos de procedência, fabricados com matérias-primas orgânicas e de maneira sustentável possibilitam as vinícolas desenvolverem diferenciais no mercado do vinho que é altamente competitivo.

Rauta, Fagundes e Sehnem (2014) constataram que a vinícola investigada obteve posição no mercado, mediante a oferta de um produto diferenciado e de alto valor agregado. Nesse mesmo sentido, Britto (2016) observou que a expansão de mercado na Cooperativa Vinícola Garibaldi se deu devido à elaboração de produtos mais sofisticados, como espumantes e vinhos finos, e principalmente do suco de uva integral. Assim, os ganhos econômicos obtidos pela adoção da estratégia de produção e comercialização de produtos orgânicos, aliada a venda de produtos com maior valor agregado e a melhoria da imagem organizacional contribuíram para o desenvolvimento sustentável da organização.

Outra questão observada no estudo de Britto (2016) refere-se à geração de ganhos econômicos compartilhados, ocorridos pela possibilidade da COOPEG produzir seus sucos de uva orgânicos nas dependências da Cooperativa Garibaldi. Para Britto (2016), a criação de valor compartilhado pode ocorrer pela adoção das estratégias, como: renovação da concepção de produtos e mercados, redefinição da produtividade na sua cadeia de valor e fomento à formação de clusters para apoiar sua atividade nas localidades onde atua.

## **5 Considerações finais, limitações e sugestões para futuros estudos**

O estudo objetivou investigar as práticas de sustentabilidade ocorridas, nas esferas ambiental, sociocultural e econômica, nas vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe.

Foi possível observar, que em virtude do porte dessas entidades, são poucas as ações de cunho ambiental desenvolvidas. Contudo, todas procuram seguir os protocolos recomendados em relação ao uso de agrotóxicos, limpeza e higiene dos vasilhames, entre outras exigências legais e normativas. Os investimentos em tecnologias limpas ainda são incipientes, tendo em vista que algumas ainda estão investindo na modernização do processo produtivo. Não foram observados sistema de gestão ambiental e práticas de educação ambiental formalizados. As vitivinícolas não possuem certificações ambientais, porém não incorrem em multas ou passivos ambientais.

Nas questões socioculturais, o número de colaboradores empregados por essas vitivinícolas é pequeno, contudo todos são da região. Não há formalização de incentivo a educação, saúde dos colaboradores. No entanto, verificou-se forte ligação dessas vitivinícolas com a cultura local, sobretudo devido à colonização italiana.

Nos aspectos econômicos ainda é preciso que ocorra fortalecimento, principalmente, em relação à participação no mercado. Observou-se que as estratégias de atuação no mercado são diferenciadas, logo essas vinícolas poderiam se unir em forma de cooperativa para fortalecimento no que tange a ampliação do poder de negociação e compra e oferta de produtos diferenciados e com maior valor agregado.

Como limitação da pesquisa apresentam-se a investigação das três vitivinícolas que são associadas à ProGoethe. Assim, deixa-se como sugestão para futuras pesquisas: a) ampliação desse estudo aos demais produtores de vinhos da região, incluindo os informais e que fabricam o vinho de maneira artesanal; b) realização de estudo mais aprofundado no intuito de analisar os impactos ambientais ocasionados pela fabricação de vinho em cada etapa do ciclo de vida, desde o crescimento da videira, vinificação, distribuição e envase, conforme sugerem Merli, Preziosi e Acampora (2016); c) utilização da Teoria Institucional para analisar como as práticas ambientais se relacionam com as exigências do ambiente externo e sua vinculação com as estratégias organizações, de acordo com a proposta por Borges, Dutra e Scherer (2014); e d) compreender os motivos que levam os produtores de vinho a não se unirem em cooperativa para fortalecimento sustentável.

## Referências

ACADEMIA DO VINHO. **Brasil – Santa Catarina**: Localização. Disponível em: [http://www.academiadovinho.com.br/\\_\\_mod\\_regiao.php?reg\\_num=BR](http://www.academiadovinho.com.br/__mod_regiao.php?reg_num=BR) Acesso em: 08 fev. 2018.

ALMEIDA, Fernando. O bom negócio da sustentabilidade. In: **O bom negócio da sustentabilidade**. 2002.

AMARAL, J. Duarte. **O grande livro do vinho**. 2000.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 8ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2007.

BARBIERI, José Carlos. CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável**, 2009.

BATISTA, G. Sustentabilidade Ambiental – Desenvolvimento e proteção. 2013. Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/artigos/sustentabilidade-ambiental-desenvolvimento-e-protecao/>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

BORGES, D. E.; DUTRA, L. C.; SCHERER, F. L. Meio ambiente e estratégia: um estudo multicaso no setor vitivinícola da região central do Rio Grande do Sul sob a perspectiva da teoria institucional. **Revista de Administração da UFSM**, v. 7, n. esp, p. 40-54, 2014.

BRITTO, J. C. A estratégia de Criação de Valor Compartilhado na atividade vitivinícola orgânica: um estudo de caso da Cooperativa Vinícola Garibaldi Ltda. 2016. Monografia (Doutorado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, **Centro Universitário UNIVATES**, Lajeado, 11 maio 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1103>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CALLADO, A. L. C. Modelo de mensuração de sustentabilidade empresarial : uma aplicação em vinícolas localizadas na Serra Gaúcha. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Agronegócios. Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26743?show=full> Acesso em: 10 dez. 2017.

CHOLETTE, S.; VENKAT, K. The energy and carbon intensity of wine distribution: A study of logistical options for delivering wine to consumers. **Journal of Cleaner Production**, v. 17, n. 16, p. 1401-1413, 2009.

CHRIST, K. L.; BURRITT, R. L. Critical environmental concerns in wine production: an integrative review. **Journal of Cleaner Production**, v. 53, p. 232-242, 2013.

COLAUTO, R. D.; BEUREN, I. M. Coleta, análise e interpretação dos dados. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

CORREIA, V. S. Avaliação de instrumentos e práticas de gestão ambiental em organizações do setor vitivinícola. 2015. Dissertação de Mestrado. **Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT)**. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/14195>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

CUNHA, P. M. et al. O uso do custeio variável para gestão de uma vinícola catarinense. . In: **XXIV Congresso Brasileiro de Custos**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4376> Acesso em: 10 dez. 2017.

FELIZBERTO, Z.; CITTADIN, A.; PANDINI, T. O. **A gestão de custos nas vinícolas integrantes da Indicação de procedência “Vales a Uva Goethe”**. p 79-86. In: Propriedade intelectual, desenvolvimento e inovação: ambiente institucional e organizações / Adriana Carvalho Pinto Vieira, Júlio Cesar Zilli, Kelly Lissandra Bruch, organizadores. – Criciúma, SC: UNESC, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LINS, C. Sustentabilidade 2012. Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/economia/sustentabilidade\\_economica](https://www.suapesquisa.com/economia/sustentabilidade_economica). Acesso em: 10 jan. 2018

LOPES, A. Gestão ambiental de uma empresa do sector vinícola. 2015, Dissertação de Mestrado em Tecnologia Ambiental. **Instituto Politécnico de Bragança**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/12637> Acesso em: 01 de maio de 2018.

MERLI, R.; PREZIOSI, M.; ACAMPORA, A. Sustainability experiences in the wine sector: toward the development of an international indicators system. **Journal of Cleaner Production**, v. 172, p. 3791-3805, 2018.

OLIVEIRA, S. L. de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PANDINI, T. O. et al. Apuração de custos e precificação em um vinícola do estado catarinense. In: **XXIII Congresso Brasileiro de Custos**, Porto de Galinhas, 2016. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4165> Acesso em: 10 dez. 2017.

PEREIRA, A. C.; SILVA, G. Z. da; CARBONARI, M. E.E. **Sustentabilidade, responsabilidade social e meio ambiente**. São Paulo: Saraiva, 2011.

PHILIPPI, L. S. A. **Construção do desenvolvimento sustentável**. In.: LEITE, A. L. T. de A.; MININNI-MEDINA, N. Educação Ambiental. 2. ed, v. 5. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

PREFEITURA DE URUSSANGA. **Turismo**. Disponível em: <http://www.urussanga.sc.gov.br/turismo/> > Acesso em: 01 de maio de 2018.

PROGOETHE, Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga. Disponível em: <http://www.proGoethe.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2016.

PROTAS, J. F. da S.; CAMARGO, U. A.; MELLO, L. M. R. de. A viticultura brasileira: realidade e perspectivas. In: **Simpósio mineiro de viticultura e enologia**, 1, 2002, Andradadas. Viticultura e enologia: atualizando conceitos. Caldas: EPAMIG, 2002.

RAUTA, J.; FAGUNDES, J. R.; SEHNEM, S. Gestão ambiental a partir da produção biodinâmica: uma alternativa à sustentabilidade em uma vinícola catarinense. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 3, n. 3, p. 135-154, 2014.

RÉUS, V. M; ZILLI, J. C.; VIEIRA, A. C.P. Sustentabilidade na produção artesanal de vinho nos Vales da Uva Goethe - Santa Catarina. **Revista NECAT**, v. 5, n.10, 2016, p. 31-57. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/necat/article/view/4473> Acesso em: 12 jan. 2018

SANTOS, F. Sustentabilidade econômica. 2013. Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-social/> Acesso em: 10 jan. 2018

SILVA, C. L. Desenvolvimento sustentável: um modelo analítico integrado e adaptativo. **Petrópolis: Vozes**, 2006.

VELLANI, C. L.; RIBEIRO, M. S. Sustentabilidade e contabilidade. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 6, n. 11, p. 187-206, 2009.

VIEIRA, A. C. P. et al. A Indicação geográfica como instrumento de promoção para o desenvolvimento econômico: caso da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe. In: IV Seminário de Ciências Sociais Aplicadas, 2014, Criciúma SC. **Anais IV Seminário de Ciências Sociais Aplicadas**, 2014. v. 4. Disponível em: < <http://periodicos.unesc.net/seminariooca/article/view/1448/1369> >. Acesso em: 10 set. 2016.

\_\_\_\_\_.; PELLIN, V. As Indicações Geográficas como estratégia para fortalecer o território – O caso da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 30, p. 155-174, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/34935/as-indicacoes-geograficas-como-estrategia-para-fortalecer-o-territorio-----o-caso-da-indicacao-de--procedencia-dos-vales-da-uva-goethe/i/pt-br> Acesso em: 06 mai. 2018.

\_\_\_\_\_ et al. Vales da uva Goethe: uma análise do processo de institucionalização da indicação geográfica para o desenvolvimento socioeconômico. **Revista GEINTEC**, vol. 6, n. 1, p. 2.894-2.908, 2016. Disponível em: <http://www.revistageintec.net/index.php/revista/article/view/622/640> Acesso em: 06 mai. 2018.